

Eleições 89

O presidente do TSE, Francisco Rezek, considera alto o índice de abstenção e vai fazer voltar o voto dos eleitores em trânsito. Para o prof. João Gilberto, os 11,69% estão na "média histórica".

Abstenção faz voltar o voto em trânsito

O alto índice de abstenções registrado em 15 de novembro (11,69%, conforme cálculos feitos pela Justiça Eleitoral, no início da noite de ontem) levou o ministro Francisco Rezek, presidente do Tribunal Superior Eleitoral, a anunciar a volta do voto em trânsito nas eleições do próximo ano. Rezek havia previsto que o índice de abstenção giraria em torno dos 5%. Assim, os brasileiros que estiverem fora de seus domicílios eleitorais, em 1990, poderão votar onde estiverem para governador, senador, deputado federal e estadual.

A abstenção — de mais de nove milhões de eleitores — superou até mesmo a votação do senador Mário Covas (PSDB), que recebeu cerca de 7,8 milhões de votos até ontem. O ex-deputado João Gilberto, professor do Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais da UnB



João Gilberto

Minas quer evitar atraso no 2º turno

Se o Serpro, que detém em todo o País o programa-fonte do sistema de computação dos resultados das eleições, não colocar à disposição da Prodemge — Companhia de Processamento de Dados de Minas Gerais, que faz o trabalho de totalização das eleições em todo o Estado — um análista de sistema, pode ocorrer, no segundo turno, o mesmo atraso com a transmissão dos boletins oficiais para o Tribunal Superior Eleitoral. O alerta é do presidente da Prodemge, Alceney José Mendes, depois do problema que atrasou, em mais de 8 horas, a transmissão de boletins para Brasília.

Apesar do atraso, o presidente da Prodemge garantia que até as 21 horas seria enviado para Brasília o último lote dos boletins totalizadores. O trabalho de digitação de todos os boletins já estava terminado e até as 18 horas já haviam sido transmitidos cerca de 70 por cento dos 28.696 boletins. De acordo com informações de técnicos da Prodemge, seriam enviados até 21 horas três lotes de 10 por cento cada um.

Em uma reunião realizada na madrugada de ontem entre o presidente do Tribunal Regional Eleitoral, técnicos da Prodemge e representantes do PDT, PT, PFL, PMDB e PSDB, os analistas do Serpro explicaram o que causou a interrupção na transmissão dos dados. O que aconteceu foi que um funcionário da Prodemge, ao terminar o seu turno de trabalho, deixou de registrar que já havia sido enviado para Brasília parte de um lote de um boletim. Quando o técnico que o substituiu, sem saber, anexou a um lote a ser transmitido, material já enviado para o TSE, imediatamente, e sem que transmissão dupla se processasse, o computador rejeitou a transmissão e entrou em situação de segurança, o que interrompeu a transferência das informações.

Como somente os analistas do Serpro conhecem o sistema fonte, os técnicos da Prodemge não tiveram como descobrir o que causava o colapso. Somente através de orientações passadas por telefone e, depois, pessoalmente, foi possível o restabelecimento do sistema. Depois da reunião os representantes dos partidos, TRE e Prodemge se deram por satisfeitos com o esclarecimento.

(Universidade de Brasília), disse que a abstenção está dentro da média histórica das últimas eleições. Mas considerou-a elevada, em função da mobilização nacional ensejada pela campanha e do recadastramento eleitoral, que eliminou os eleitores-fantasmas e colocou os cidadãos mais próximos dos locais de votação.

João Gilberto observou que,

nas regiões Sul e Sudeste, a abstenção girou em torno dos 5%. A ausência foi maior nas regiões Norte e Nordeste. A Justiça Eleitoral do Maranhão estimou a abstenção em cerca de 25%. “Nessas regiões, deve ter faltado transporte, porque os líderes locais não se empenharam tanto, por se tratar de uma eleição solteira”, comentou.

O professor Carlos Estevam Martins, do Departamento de Ciência Política da USP, vice-presidente da Fundação Pedrosa Horta (PMDB) em São Paulo, considerou a abstenção “muito normal e até muito baixa”. Segundo ele, os eleitores do Norte e Nordeste, que — por falta de transporte — teriam que cami-

nhar muitos quilômetros para votar e por isso se abstiveram, “agiram racionalmente, pois teriam um custo muito elevado para dar o voto”.

Tanto Estevam quanto José Álvaro Moisés, seu colega na USP, ressaltaram que a abstenção de 11,69% foi baixa, se comparada com a registrada nas eleições presidenciais americanas e euro-

péias, onde o voto é facultativo. Moisés também destacou as dificuldades de transporte no Norte e Nordeste e defendeu o voto em trânsito, que tornará a ser instituído no ano que vem. Ao contrário do que aquele índice possa indicar, Moisés disse que “a eleição demonstrou muito interesse do eleitorado e confiança no funcionamento da democracia”.